

## Compreendendo McLuhan: O que são meios quentes e meios frios<sup>1</sup>

Rodrigo Miranda BARBOSA<sup>2</sup>

Universidade Federal de Pernambuco – Campus Agreste, Caruaru, PE

### RESUMO

O trabalho apresenta o conceito de meios quentes e meios frios pelo pesquisador canadense Marshall McLuhan cujo desenvolvimento analítico é focado na compreensão das relações entre os meios de comunicação e os sentidos humanos. McLuhan propõe a partir do conceito de meios quentes e frios uma forma de classificar os diferentes meios de comunicação conforme suas características físicas, relações psicológicas com os usuários e formas de organizar as experiências sensoriais. O artigo propõe uma análise das críticas a esse conceito com base em três pontos de análise e conclui as potencialidades do seu uso no contexto atual e interpretações equivocadas do mesmo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Espaço Acústico e Espaço visual; Marshall McLuhan, Meios Quentes e Meios Frios; Tecnologia.

### UMA ANÁLISE DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO A PARTIR DOS SENTIDOS

O canadense Marshall McLuhan (1911-1980) foi um dos mais importantes teóricos da comunicação do século XX. Suas ideias rapidamente escaparam as bordas da universidade e se transformaram em linguagem recorrente no dia a dia das pessoas. A crescente expansão da televisão por todo os Estados Unidos e Canadá, e o desconhecimento dos seus efeitos na sociedade ajudou a catapultar McLuhan a cena mediática<sup>3</sup>. McLuhan um dos pensadores mais polêmicos do nosso tempo, abusava das metáforas e frases estarrecedoras. Dizia, contrariamente a crença geral, que a televisão estava nos unindo em uma Aldeia Global, enfurecendo os críticos da televisão que acreditavam que McLuhan estava dizendo que a partir do advento da televisão o mundo seria mais harmônico e que não havia necessidade de entrar em pânico com a penetração da televisão na sociedade americana-canadense (compreensão esta, que não resiste a uma análise um pouco mais cuidadosa do seu trabalho).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

<sup>2</sup> Professor da Universidade Federal de Pernambuco – Campus Agreste. rmbdesign@gmail.com

<sup>3</sup> E com a ajuda de um grupo de publicitários americanos.

Foi considerado um dos maiores pensadores do século XX, ao lado de personalidades, como Charles Darwin, Albert Einstein e Sigmund Freud, e apenas no ano de 1967, o jornal *The New York Times* publicou 27 artigos sobre McLuhan. (Strate; Wachtel, 2005, p. 6). Sua notoriedade chegou a tal ponto que em 1977 o próprio McLuhan fez uma aparição emblemática no filme *Annie Hall* de Woody Allen onde em um diálogo com um personagem expressava a frase “Você não sabe nada sobre o meu trabalho!”.

McLuhan marcou definitivamente seu nome na história ao encarar os meios de comunicação como atores importantes nas reconfigurações da sociedade. Os meios de comunicação não são considerados como tecnologias neutras, ao contrário cada meio de comunicação tem as suas características e o uso destas influenciam diretamente a psique humana. O aspecto macro das análises feitas por McLuhan levam em conta o efeito amplo das mudanças sociais em decorrência da inserção de um novo meio de comunicação explorando as alterações (potencialidades e restrições) que podem ocorrer no ambiente social em que se manifestam as situações sociais e influenciando diretamente os agentes envolvidos. Para McLuhan, “a ‘mensagem’ de qualquer meio ou tecnologia é a mudança de escala, cadência ou padrão que esse meio ou tecnologia introduz nas coisas, humanas” (1969, p. 22), algo que para ele havia sido esquecido pelos pesquisadores e que era mais profundo do que os efeitos do conteúdo “As sociedades sempre foram moldadas mais pela natureza dos meios que os homens usam para comunicar-se que pelo conteúdo da comunicação” (1969b, p. 36).

McLuhan estabelece assim uma distinção analítica entre forma e conteúdo, uma distinção que deveria ser fundamental para o estudo da comunicação, mas que restará praticamente ignorada em outras tradições do campo comunicacional. Trata-se de distinguir, de um lado, o conteúdo e, de outro lado, o sistema mediático que compõe o suporte material, o uso da tecnologia como a dificuldade de aprendizagem do código, sua gramática, a capacidade de disseminação no tempo ou no espaço, os sentidos sensoriais requisitados, os serviços e desserviços gerados pela inserção dos meios entre outros, uma preocupação derivada da questão da tecnologia.

### *O foco nos sentidos*

Mas como estes efeitos são percebidos na sociedade? McLuhan vai selecionar as alterações no sensorio humano como forma de compreender as consequências da inserção de novos meios de comunicação. A forma de estar em contato com a realidade

é mediada pelos sentidos, assim ele cria a relação que cada meio de comunicação estaria associado a um ou vários sentidos humanos. Assim qualquer tipo de alteração nos meios de comunicação também alterava o padrão relacional entre os sentidos, alterando de forma profunda a nossa compreensão do mundo.

Para McLuhan, os sentidos são considerados como interdependentes, isso significa que se a capacidade de um sentido for alterada, todas as relações entre os sentidos sofrem alteração. Qualquer alteração no equilíbrio entre os sentidos faz com que também sejam alteradas as formas pelas quais as pessoas organizam a experiência. E, assim, os meios de comunicação dão às pessoas uma maneira particular de organizar a experiência e uma maneira particular de conhecer e compreender o mundo. “Marshall McLuhan’s achievement lies in discussing a single hypothesis, that technology changes man’s senses”. (Watson, 1977 *apud* Moss; Morra, 2004, p. 99)<sup>4</sup>

O balanço e equilíbrio sensorial muda de acordo com os meios disponíveis. Dessa mesma forma, quando as tecnologias que utilizamos mudam, isso altera o equilíbrio sensorial. Ao estabelecer um novo padrão das relações entre os sentidos, o meio acaba por favorecer uma nova forma característica de organizar a experiência, determina as formas de conhecimento, a estrutura da percepção e o equipamento sensorial necessário para lidar com a realidade.

Media of communication, consequently, are vast social metaphors that not only transmit information but determine what is knowledge; that not only orient us to the world but tell us what kind of world exists; that not only excite and delight our sense but, by altering the ratio of sensory equipment that we use, actually change our character. (Carey, 2005, p. 203)<sup>5</sup>.

Partindo desse princípio, McLuhan começa a estudar as diferenças estruturais que novos meios de comunicação trazem desde a mudança da oralidade, para a escrita manuscrita, o processo de impressão e o surgimento dos meios eletrônicos. McLuhan utilizou para exemplificar as culturas pré-letradas os estudos de Edmund Carpenter sobre os esquimós do Ártico do Canadá. Os esquimós experimentavam o mundo de forma diferente, se guiando pelos caminhos do ártico a partir do espaço acústico.

Até a ESCRITA ser inventada, vivíamos no espaço acústico, onde os esquimós atualmente vivem: sem limites, sem direção, sem horizonte,

---

<sup>4</sup> "O feito de Marshall McLuhan encontra-se na discussão de uma única hipótese, que a tecnologia muda os sentidos do homem". (Watson, 1977 *apud* Moss; Morra, 2004, p 99)

<sup>5</sup> Os meios de comunicação são então metáforas sociais que não só transmitem informação, mas determinam o que é conhecimento, não só nos orientam no mundo, mas nos dizem que tipo de mundo existe, ao alterar a nossa proporção sensorial, do nosso equipamento sensorial, que nós usando, mudam o nosso caráter (Carey, 2005, p. 203)

a escuridão da mente, o mundo da emoção, a intuição primordial, o terror. A fala é um mapa social desse pântano sombrio (McLuhan, 1980, p. 246).

Os olhos focalizam, localizam, abstraem, situam cada objeto no espaço físico, contra um fundo; o ouvido, porém, acolhe o som proveniente de qualquer direção. (Carpenter; McLuhan, 1980b, p.90)

Não conheço exemplo de um Aivilique descrevendo o espaço primariamente em termos visuais. (Carpenter *apud* McLuhan, 1972, p. 103)

McLuhan começou a desenvolver a ideia de que a partir do alfabeto fonético houve uma mudança estrutural nas relações humanas em comparação com a oralidade. O alfabeto fonético teria inaugurado um desequilíbrio entre os sentidos, pois seu uso estende apenas um sentido, o sentido da visão. Já a oralidade estava baseada em uma relação na qual todos os sentidos estariam envolvidos, como em uma discussão presencial entre duas pessoas onde os gestos, cheiros, ambiente, audição e visão estão presentes simultaneamente na situação.

No documento que deu origem ao livro *Understanding Media* (1964).

Why did the phonetic alphabet hoick man out of the auditory space of the tribal drum into the civilized, homogeneous and continuous space of line and plane and picture? The answer is: because the phonetic alphabet alone, of all forms of writing, translates the audible and the tactile into the visible and the abstract. Letters, the language of civilization, have this power of translating all of our senses into visual and pictorial space (McLuhan *apud* Cavell, 2005, p. 99).<sup>6</sup>

O alfabeto fonético ao reduzir o ambiente da oralidade e traduzi-lo para o sentido visual separa os sentidos e favorece o sentido visual. Ao traduzir a oralidade a partir de uma forma abstrata em que as letras não tem relação com as coisas do mundo, o alfabeto fonético também é o meio em que é possível traduzir qualquer língua.

McLuhan diz em *A Galáxia de Gutenberg* (1972), que essa tradução mediática reduz a ideia de múltiplos espaços para um único tipo de espaço, o visual.

A invenção do alfabeto, à semelhança da invenção da roda, foi a primeira tradução ou redução de um complexo e orgânico intercâmbio de espaços num único espaço. O alfabeto fonético reduziu o uso simultâneo de todos os sentidos, que é a expressão oral, a um simples código visual. Hoje, pode-se efetuar essa espécie de translação numa ou noutra direção, através de uma variedade de formas espaciais, as

<sup>6</sup> Por que que o homem alfabeto fonético sacou para fora do espaço auditivo do tambor tribal no espaço civilizado, homogêneo e contínuo de linha e plano e imagem? A resposta é: que o alfabeto fonético sozinho, de todas as formas de escrita, traduz o audível e tátil para o visível e o abstrato. Cartas, a linguagem da civilização, tem esse poder de traduzir todos os nossos sentidos para o espaço visual e pictórica (McLuhan *apud* Cavell, 2005, p. 99).

---

quais chamamos de "media", ou "meios de comunicação". Mas cada uma dessas formas de espaço tem propriedades particulares e incide sobre nossos outros sentidos ou espaços de modo também particular. (1972, p. 76)

A consequência disso, para McLuhan, é que o alfabeto fonético nos levou para um mundo visual baseado na abstração, linearidade e individualismo. O conhecimento é adquirido por todos os sentidos, mas a confirmação é pela visão – é preciso ver escrito para acreditar. A prensa de Gutenberg dá início a um processo que intensificou ainda mais o aspecto visual da escrita alfabética por causa da uniformidade da forma das letras. Com a acelerada penetração dos processos de impressão acontece o processo de tradução da tradição oral para a tradição do impresso especializada no espaço visual.

Sociedades letradas em que a informação é adquirida principalmente pelo uso da faculdade visual ao ler acabam desenvolvendo uma tendência visual na qual a informação é processada de forma linear sequencial, um item de cada vez, conforme a mesma estrutura da palavra escrita. Dessa forma, o homem letrado opera no espaço visual. A tendência para o espaço visual começa com a escrita não fonética, mas aumenta de intensidade com o alfabeto fonético e ainda mais com o impresso. Uma cultura visual acredita mais naquilo que vê do que ouve e as tradições orais começam a ser traduzidas em forma escrita. Mas durante esse processo acaba também por diminuir a proporção dos outros sentidos.

Existem diferenças entre o manuscrito e o impresso. Os textos anteriormente eram lidos em voz alta, não havia separação entre as palavras, não haviam índices ou números de páginas. Tudo isso favorecia a leitura em voz alta para a compreensão dos textos e a leitura era social, uma vez que as palavras começam a serem separadas e iniciou-se o processo de leitura silenciosa. Intensificando ainda mais o processo, a prensa de Gutenberg, segundo McLuhan inicia um processo de mecanização, é o primeiro processo linear de produção. A multiplicação de textos e todos iguais faz acontecer aquilo que Walter Benjamin chama de esvaziamento da aura, pois não há mais possibilidade de distinguir a cópia do original e entre as cópias.

A página impressa permite padronizar e universalizar a língua materna, o que, segundo McLuhan, fortalece o nacionalismo. Embora em condições normais nenhum sentido opere em isolamento, a interação com diferentes meios fazem com que diferentes sentidos sejam acionados e acentuados. Dessa forma, sua proposição reitera que cada meio de comunicação cria o seu próprio efeito no nosso sensorio, ou seja, seu

próprio viés afeta diretamente a forma como percebemos o mundo. “A imprensa exige a faculdade visual nua e isolada, não a sensorialidade unificada.” (1969, p. 346).

Além de nos fazer dependente do sentido visual, o impresso impõe a seus utilizadores uma lógica particular de organizar o conhecimento em termos de relações uniformes, lineares, harmoniosas e causais. Segundo Carey, isso significa quebrar as coisas em unidades elementares (palavras) e a tendência de ver a realidade em unidades discretas e a busca de relações causais e em uma ordem serial linear. Da esquerda para a direita, e a busca da estrutura ordenada da natureza. A geometria da página impressa é transferida para todas as outras atividades sociais como a ciência, governo, arte, arquitetura, trabalho, educação e outros. Sobre essa segmentação Ivan Kalmar diz que:

The analytical bent of the literate mind, its effort to chop everything up into a small number of basic elements, owes its birth to this feature of the alphabet. Just as writing segments language into letters, literate people divide space into angles, meters, and feet, time into years, hours, and minutes, work into jobs, responsibilities, and tasks. This regimentation of reality came into its own when the first printing press superimposed machine technology on that of the alphabet. (Kalmar, 2005, p. 228-229)<sup>7</sup>

A página impressa é lida em silêncio e de forma individual, cria um universo com pessoas com conhecimentos diferentes e dessa forma a especialização de conhecimentos. Na oralidade a pessoa adquire o conhecimento presencialmente em contato com outras pessoas, com a escrita isso se torna uma atividade isolada e permite o desenvolvimento de pontos de vista privados e individuais. Por isso, segundo McLuhan, o impresso retira o indivíduo da comunidade oral e o destribaliza. Partindo de T.S. Eliot, ele afirma que o impresso desassocia os sentidos, separando a visão do som. (Cavell, 2005).

McLuhan acreditava que essa mudança do foco dos meios de comunicação de tátil-acústico para visual poderia ser explicada por um conceito denominado Meios Quentes e Meios Frios.

## **O QUE MCLUHAN DIZ QUE SÃO OS MEIOS QUENTES E MEIOS FRIOS**

---

<sup>7</sup> O pendor analítico da mente letrada, seu esforço para cortar tudo para cima em um pequeno número de elementos básicos, deve o seu nascimento a esta característica do alfabeto. Assim como os segmentos de escrita em letras, língua, as pessoas alfabetizadas dividem o espaço em ângulos, metros, e pés, o tempo em anos, horas e minutos, o trabalho em postos de emprego, responsabilidades e tarefas. Esta arregimentação da realidade entrou em sua própria quando a primeira prensa sobrepôs a tecnologia da máquina naquela do alfabeto. (Kalmar, 2005, p. 228-229)

McLuhan propõe uma distinção entre meios de comunicação com os termos espaço visual e espaço acústico. Ela ganhou diversos conceitos auxiliares e foi desenvolvida em inúmeras obras, um dos conceitos que foram desenvolvidos nesse processo de compreensão das relações entre os meios e os sentidos foi o de Meios Quentes (*hot media*) e Meios Frios (*cool media*)<sup>8</sup> proposta em *Os meios de Comunicação como extensões do homem* (1969).

Algumas características descritas por McLuhan para distinguir os meios quentes dos meios frios.

<b>Meios Quentes (<i>Hot media</i>)</b>	<b>Meios Frios (<i>Cool media</i>)</b>
Requer um sentido em alta definição	Requer mais de um sentido em baixa definição
Baixa participação, experiência mais passiva	Alta participação
Linear	Não-linear
Destribalizante	Tribalizante

Exemplos de meios e suas classificações:

<b>Meios Quentes (<i>Hot media</i>)</b>	<b>Meios Frios (<i>Cool media</i>)</b>
Cinema	Televisão
Fotografia	Caricatura
Alfabeto fonético	Hieróglifos
Cultura impressa	Cultura oral

Os meios quentes seriam aqueles meios que prolongam apenas um dos sentidos e em alta definição, ou seja, um elevada quantidade/clareza de informação. Uma vez que o suporte/mensagem dá muita informação ao receptor, o seus sentidos são pouco requisitados a consciência não precisa completar a informação. Alguns exemplos dados por McLuhan de meios quentes são o rádio, cinema, alfabeto fonético e a fotografia. O rádio, por exemplo, nos fornece informação em alta definição, estendendo apenas o sentido da audição. Já os meios frios são aqueles que prolongam, ou requisitam, mais de

<sup>8</sup> Grifamos os termos no original em inglês, pois a tradução na tradução livro *Os Meios de Comunicação como extensões do homem*, Décio Pignatari traduz os termos como Meios Quentes e Meios Frios, o que causa uma confusão entre “frio” e “cool”, onde o significado de “cool” utilizado por McLuhan significa um maior envolvimento, uma vez que se refere a gíria *cool*, proveniente do *cool jazz*, legal, descolado, envolvente. Claramente McLuhan utiliza o termo devido a sua ambiguidade, mas na tradução esta ambiguidade não permaneceu.

um sentido ao mesmo tempo, mas em baixa definição, ou seja, é necessário que o receptor interaja com os seus sentidos de forma mais ativa para completar a informação. Os exemplos dados são o telefone, a fala, a televisão e a caricatura.

A fala, para McLuhan, “é um meio frio de baixa definição, porque muito pouco é fornecido e muita coisa deve ser preenchida pelo ouvinte”. (1969, p. 38). A escrita em hieroglífico é um meio frio, pois boa parte de seu significado depende da interpretação, em que deve ser preenchida pelo receptor e por ser de baixa intensidade.

Uma vez estendido apenas um sentido e de forma intensa, isso faz com que o meio de comunicação vá perturbar o equilíbrio das relações entre os diferentes sentidos. Por isso é preciso um reordenamento dos sentidos para recuperar o equilíbrio, e para isso, o sistema nervoso central deve agir para se livrar da pressão exercida pela extensão de um dos sentidos. A resposta dada por McLuhan é a auto-amputação, a ação de isolar o canal sensorial: “Tudo o que ameaça a sua função deve ser contido, localizado ou cortado, mesmo ao preço da extração total do órgão ofendido” (1969, p. 61).

A auto-amputação faz com que os efeitos dos meios acabem não sendo percebidos, pois o desequilíbrio acontece porque a extensão de nós mesmos nos mergulha “num estado de entorpecimento”. E, qualquer que seja a extensão, ela produz a ação de auto-amputação.

Como podemos perceber, McLuhan cria uma dicotomia entre os diferentes meios de comunicação a partir das relações com os sentidos. Este foi um dos conceitos de mais fácil deglutição, pela clareza aparente pela qual é apresentada pelo autor. Foi assim, também, uma das ideias mais criticadas por especialistas. É importante compreender como se deram estas críticas e o detalhamento dessa concepção de McLuhan.

## **O QUE A CRÍTICA DISSE SOBRE O CONCEITO DE MEIOS QUENTES E FRIOS**

No período inicial, o trabalho de Marshall McLuhan foi tratado com desdém pela academia, e ao mesmo tempo com uma crítica fulminante as suas principais ideias. Dentre elas, o conceito de meios quentes e frios foi um dos mais famosos em conjunto com a sua metáfora “o meio é a mensagem”<sup>9</sup>. A crítica apareceu com a mesma intensidade que McLuhan alcançou o estrelado, deixando de ser tão evidente assim

---

<sup>9</sup> Parte das críticas iniciais sobre o conceito de meios quentes e frios podem ser vistos no nosso artigo “McLuhan y las críticas” (2012) assim como outras críticas ao trabalho de McLuhan.



como próprio autor a partir da década de 1980. Seu ostracismo foi rompido, como diz a mitologia, com o surgimento da Internet, que para muitos simbolizava o acerto de suas previsões sobre os meios, ao ponto de em 1993 ser apropriado como santo padroeiro da revista americana Wired, especializada em tecnologia e informática.

Para James Carey, o conceito de Meios Quentes e Frios estão entre os mais infelizes, pois fragilizam o trabalho de McLuhan e servem de prato cheio para os críticos uma vez que as críticas seriam indefensáveis (Carey, 2005).

Vamos sumarizar as críticas e dúvidas que apresentaremos logo em seguida em detalhes.

- A. Usar os termos para aplicá-los não exclusivamente em referência as características dos meios de comunicação
- B. A televisão é um meio frio e audiotátil
- C. As características são propriedades intrínsecas e fixas do meios ou são relativas a comparações entre meios?

#### **A. Usar os termos para aplicá-los não exclusivamente em referência as características dos meios de comunicação**

O exemplo mais emblemático é o julgamento que McLuhan faz das eleições a presidência dos Estados Unidos em 1960 entre os candidatos Richard Nixon e John F. Kennedy.

Os que ouviram os debates Kennedy-Nixon pelo rádio ficaram com a ideia da esmagadora superioridade de Nixon sobre seu opositor. Foi fatal a Nixon apresentar uma imagem e uma atividade bem definidas, de alta definição, através de um meio frio como a TV, que traduziu aquela imagem numa impressão de coisa falsa, “fajuta”. (1969, p. 335)

O que McLuhan quer dizer é que Nixon estava muito mais adaptado ao rádio do que Kennedy, assim como Kennedy estava melhor adaptado à televisão do que Nixon. A forma que McLuhan utiliza para explicar essa adaptação é o uso do conceito de meio quente e meio frio. “Uns poucos toques oportunos deste tipo teriam alterado o resultado da campanha Kennedy-Nixon. A TV é um meio que rejeita as personalidades muito delineadas e favorece mais apresentação de processos do que de produtos.” (1969, p. 347). Ou seja, Nixon era muito quente para um meio frio como a TV, por isso havia um descompasso entre a imagem de Nixon na TV comparada com o meio frio do rádio.

Ora, podemos perceber claramente que McLuhan não está falando apenas do meio de comunicação enquanto tecnologia, mas está descrevendo como um

determinado conteúdo pode ser melhor adaptado ou não a um determinado meio. Um das críticas mais contundentes contra o autor é de que o mesmo ignora qualquer efeito do conteúdo dos meios e foca apenas nos aspectos tecnológicos, uma crença falsa diante do exposto até aqui (ainda que possamos falar que McLuhan privilegia os meios e seus efeitos em detrimento do conteúdo). Isso coloca também McLuhan numa saia justa, pois ele extrapola a aplicação do conceito de meios quentes e frios para além dos meios de comunicação.

### **B. A televisão é um meio frio e audiotátil**

Essa é uma das principais colaborações de McLuhan para tentar compreender os efeitos dos meios de comunicação. Em vez de uma ligação simples entre sentidos e consequências sociais, como alguns críticos parecem acreditar, McLuhan fornece uma explicação da relação entre o humanos através do sensorial, o uso dos meios de comunicação e seus efeitos. Uma vez que os meios estão diretamente ligados qualquer alteração no equilíbrio sensorial e na forma e estrutura da organização da nossa experiência pelos sentidos altera a forma como compreendemos o mundo. Trata-se de uma mudança de percepção que ele divide entre o espaço acústico e o espaço visual. O espaço visual, desenvolvido principalmente pela escrita, enfatiza a organização visual da experiência que é considerada pelo autor como linear, isolacionista, uniforme, sequencial e mecânica. Já o espaço acústico é aquele da interpelação entre todos os sentidos, dessa forma, ela é dinâmica, simultânea, inclusiva em profundidade e em estruturada em forma de rede. A transição de domínio entre essas duas formas traz profundas mudanças na nossa experiência do mundo. Assim, o espaço visual e o espaço acústico, cada um representa uma forma ou estrutura para a organização da experiência, mais do que a ideia de que algo é visto ou ouvido.

O fato de McLuhan dizer que a televisão era um meio frio fazia com que os críticos (não sem razão) esperassem que a televisão fosse um meio de baixa definição. Meyrowitz (2003, p. 198) observa que muitos brincavam dizendo que McLuhan tinha uma televisão defeituosa em casa. Mas o fato é que a televisão em 1948 nos EUA tinha menos linhas de definição apresentando uma qualidade de imagem muito inferior comparada com o cinema e seus rolos de filme de 35 mm. Ou seja, apesar dela ser audiovisual, ela tinha menos definição do que a película do filme. Hoje, colocar essa característica da televisão como diferencial em relação ao cinema estaria equivocada devido aos avanços tecnológicos dos aparelhos televisivos.

Outra parte das críticas constantes a essa classificação dos meios incide sobre a crença de McLuhan de que a televisão era um meio audiotátil (criando um espaço acústico) e não audiovisual como poderíamos esperar. Segundo o autor, a televisão obrigava o receptor a se envolver com todos os sentidos.

Television, as a result of the scanning system on which it operates, is capable of conveying or eliciting a sense of touch. Thus, in the apprehension of television not only the eye but the ear and the hand are brought into play. Television re-orchestrates the senses; it engages, if you will, the whole man, the entire range of sensory qualities of the person. (Carey, 2005, p. 204-205)<sup>10</sup>

A televisão provocaria uma sensação de toque, por isso compreendida como audiotátil na sua estrutura perceptiva. A televisão e o jornal, por exemplo, são acústicos em estrutura, contrariando a crítica de Carey (2005, p. 209) que procura encontrar uma relação direta entre os sentidos em vez de uma estrutura estético-sensorial. A mesma crítica poderia ser direcionada a Finkelstein (1969) e Miller (1982) que ficam presos na relação material dos sentidos e não levam em conta as formas de organização do conhecimento e as modificações no ambiente. Ser audiotátil ou acústico não teria relação direta com o sentido que está sendo solicitado do usuário, mas uma forma característica de organizar a experiência estético-sensorial. Esclarecemos em seguida na terceira crítica/dúvida.

### **C. As características são propriedades intrínsecas e fixas do meios ou são relativas a comparações entre meios?**

A terceira dúvida/crítica é que uma vez que McLuhan rotula diretamente que determinados meios são quentes ou frios, ele nos leva a crer que são características fixas que fazem com que determinado meio seja classificado de uma ou de outra maneira. Ou seja, para a televisão ser considerada como meio frio, ela deve possuir uma série de características fixas e todas elas “encaixam” no critério de meio frio de McLuhan.

Seria um conceito claro, caso não acontecesse o que diz Carey:

Media that are hot one minute seem to be cool another. It is impossible to tell if temperature is an absolute property of a medium or whether a medium is hot or cool relative only to some other medium.

---

<sup>10</sup> Televisão, como resultado do sistema de digitalização em que atua, é capaz de transmitir ou provocar uma sensação de toque. Assim, na apreensão de televisão não apenas os olhos, mas o ouvido e a mão são colocados em jogo. Televisão re-organiza os sentidos, que se envolve, se quiser, todo o homem, toda a gama de qualidades sensoriais da pessoa. (Carey, 2005, p. 204-205)

---

And the classification of media into these categories seems to be always quite arbitrary (Carey, 2005, p. 207)<sup>11</sup>

Seguindo na trilha de Carey, podemos ver que outra maneira de encarar o problema é não encarar essa distinção (meios quentes e frios) como absoluta, ela poderia ser percebida como relativa, ou seja em comparação com outro meio. Por exemplo, a televisão é um meio mais frio do que o rádio. Somente assim, a definição poderia sobreviver as constantes mudanças tecnológicas, uma vez que a televisão no período de McLuhan não é a mesma televisão de 2017.

A escapatória dessa crítica é justamente entender que os meios podem ser modificados na sua estrutura e no seu conteúdo revertendo as suas características. Assim como Nixon era muito quente para a Televisão, é possível mudar estruturalmente o conteúdo para reverter a característica do meio. Nos seus livros, McLuhan tentou fazer justamente isso. Como McLuhan poderia criticar o livro e o alfabeto fonético como lineares e ao mesmo tempo utilizar a tecnologia do livro para fazê-lo sem cair em contradição?

Em 1967, foi publicado *The Medium is the Massage: An Inventory of Effects* um estilo totalmente diferente de se fazer livro que hoje é conhecido como *non-books*. O livro vendido em formato *paperback* (brochura, livro de bolso), era uma mistura de pequenas frases e trabalho gráfico de Quentin Fiore e design de Jerome Agel e foi um estrondoso sucesso de vendas.

Revertendo o processo linear do livro, *The Medium is the Massage* estabelece uma nova forma de apresentação das ideias de McLuhan, utilizando uma mistura de texto, imagens, fotografias, obras de arte, gráficos e realizando experiências tipográficas. Agel dizia que o resultado foi “cubista” a partir do ponto de vista da produção corroborando com a análise de McLuhan que reconheceu que o livro era um folheto de vendas eficaz para suas ideias.

Anos antes, a galáxia de exemplos usados por McLuhan em *A Galáxia de Gutenberg* (1972) são ordenados como justaposições para servir como alternativa a linearidade causal e uma falta de clareza e explícita (Stamps, 1995, p. 135). Ao justapor uma grande quantidade de exemplos há uma resistência em tentar reduzir os processos

---

<sup>11</sup> Meios de comunicação que são quentes em um minuto parecem ser frios em outra. É impossível dizer se a temperatura é uma propriedade absoluta do meio ou se um meio é quente ou frio em relação apenas a algum outro meio. E a classificação dos meios de comunicação nas seguintes categorias parece ser sempre muito arbitrário (Carey, 2005, p. 207)

sociais e históricos como uma relação linear de causalidade como um jogo de bilhar, mas ao observá-los em conjunto seria possível abranger em vários níveis e reconhecer padrões, sendo assim, não importaria se as fontes dos exemplos são fontes escritas ou orais, mas sim o mosaico que revelaria os padrões associativos e operações causais da história. Até porque uma das críticas comuns ao trabalho de McLuhan é que ele adapta as falas de outros autores para encaixar no seu próprio sistema.

McLuhan acreditava que era possível reverter algumas características do meio de comunicação a partir da estrutura, como, por exemplo, na tentativa de escrever os seus textos com o uso de metáforas, aforismos e uso extensivo de exemplos para montar um mosaico que levaria a um reconhecimento de um padrão em vez de seguir a linearidade sequencial da palavra escrita.

Sendo assim, McLuhan, apesar de não muito claro, não dá suporte a ideia de uma inflexibilidade dos meios de comunicação, pois os mesmos podem sofrer mudanças a partir do social e uma vez que seus efeitos sejam compreendidos pela sociedade fazendo com que ela reaja contra estes.

## O QUE RESISTE?

O afastamento do tempo permite um distanciamento teórico que não havia durante o período em que o furacão McLuhan atingiu o mundo. Isso nos coloca em uma posição de resgate histórico a fim de questionar até que ponto o conceito sobreviveu às críticas e ao advento do tempo. Carey argumenta que a distinção entre meios quentes e frios é o mais fraco de todos os argumentos de McLuhan.

However, it is the least satisfactory of all McLuhan's concepts and arguments. This is unfortunate, because for most critics it is the terms "hot" and "cool" which are taken to be McLuhan's principal contribution to the study of media, and a lot of unanswerable critical fire can be heaped on McLuhan at this point. (Carey, 2005, p. 206)<sup>12</sup>

O conceito em si não sobrevive devido se a compreensão for de determinar características fixas aos meios. McLuhan não poderia prever as características dos novos meios e a evolução tecnológica e social dos meios que conheceu. A televisão de alta definição colocou em cheque a distinção feita por ele entre a televisão e o cinema (ainda que demos nomes diferentes a um processo muito similar)

<sup>12</sup> No entanto, ele é o menos satisfatório de todos os conceitos e argumentos de McLuhan. Isso é lamentável, porque, para a maioria dos críticos são os termos "quente" e "cool", que são tidas como a principal contribuição de McLuhan ao estudo dos meios de comunicação, e um monte de fogo crítico irresponsável pode ser empilhado sobre McLuhan neste momento. (Carey, 2005, p. 206)

O argumento de McLuhan na modificação do equilíbrio sensorial não cai por causa desses problemas com a classificação entre meios *hot* ou *cool*. É o caso de Kenneth E. Boulding (1968, p. 81) considera que a terminologia utilizada por McLuhan é inadequada, e que exploração da mesma é ruim, mas ainda assim considera como uma ideia importante. O problema é que para a maioria dos críticos, segundo Carey, a diferenciação entre meios *hot* ou *cool* é a tese principal de McLuhan. Descartar o trabalho do autor devido a uma de suas propostas conceituais como a dos meios *hot* e *cool*, ou tomar esta como sua única proposta não nos parece, devido a estes fatores, uma posição sensata.

O que resiste é a preocupação de McLuhan em compreender as relações entre os meios de comunicação e os sentidos. Tentando entender como os meios possuem propriedades físicas diferentes, exigem formas de percepção diferentes, assim como nos ajudam a organizar a informação de forma diferentes mudando o equilíbrio sensorial e implicando uma tendência dos meios que então são extrapoladas para tendências da cultura e das instituições<sup>13</sup>, ou como esclarece o crítico Miller (1982, p. 12), “nosso longo contato com essa forma de apresentação conduziu-nos a somente aceitar ideias que se conformem a certos padrões lógicos estritos”.

O conceito de meios quentes e frios é apenas um dos conceitos que McLuhan desenvolve para tentar compreender as diferenças entre os meios de comunicação, seus usos e apropriações a partir dos sentidos humanos. Outros tem maior consistência teórica como é o caso do conceito de espaço acústico e espaço visual.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Rodrigo Miranda. Las críticas a Marshall McLuhan. *Infoamérica - Revista Iberoamericana de Comunicación*, v. 7-8, p. 145-158, 2012.
- CAREY, James. “Harold Adams Innis and Marshall McLuhan.”. In: GENOSKO, Gary (eds.). *Marshall McLuhan: Critical Evaluations in Cultural Theory*. Volume I. New York, Routledge: 2005. P. 193-220. Reimpresso de CAREY, James W.. “Harold Adams Innis and Marshall McLuhan.” *Antioch Review* (spring), 5-39, 1967.
- CARPENTER, E.; McLUHAN, M.. Cinco dedos soberanos dificultam a respiração. In: Carpenter, E. and McLuhan, M. (eds), *Revolução na Comunicação*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980. Pp.246-248.
- CARPENTER, E.; McLUHAN, M.. Espaço Acústico. In: Carpenter, E. and McLuhan, M. (eds), *Revolução na Comunicação*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980b. Pp.87-93
- CAVELL, Richard. “McLuhan and spatial communication”. In: GENOSKO, Gary (eds.). *Marshall McLuhan: Critical Evaluations in Cultural Theory*. Volume II. New York,

<sup>13</sup> Como é o caso do conceito de viés das comunicação desenvolvido pelo economista canadense Harold Innis, um dos principais influenciadores de McLuhan. Em conjunto estes autores foram denominados de Escola de Toronto de Comunicação.

- 
- Routledge: 2005. p. 91-107.
- FINKELSTEIN, Sidney Walter. *McLuhan: A filosofia da insensatez*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.
- KALMAR, Ivan. The future of “tribal man” in the electronic age. In: GENOSKO, Gary (eds.). *Marshall McLuhan: Critical Evaluations in Cultural Theory*. Volume II. New York, Routledge: 2005. p. 227-232.
- McLUHAN, M. *A Galáxia de Gutenberg*. São Paulo: CEN, 1972.
- McLUHAN, M. Classroom without Walls”. In: Carpenter, E. and McLuhan, M. (eds), *Explorations in Communication*. Boston: Beacon Press, 1960, pp. 1-3.
- McLUHAN, M. *O meio são as mensagens*. Rio de Janeiro: Record, 1969b.
- McLUHAN, M. *Os meios de Comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1969.
- McLUHAN, M. *Understanding Media: The Extensions of Man*. London: Routledge & Kegan Paul, 1964.
- McLUHAN, Marshall; FIORE, Q.; AGEL, J.. *The Medium is the Massage: An Inventory of Effects*. New York: Random House, 1967
- MEYROWITZ, Joshua. “Canonic Anti-Text: Marshall McLuhan’s Understanding Media.” In Elihu Katz, John Peters, Tamar Liebes, and Avril Orloff, (Eds.), *Canonic Texts in Media Research: Are There Any? Should There Be Any? How About These?*, Polity Press, 2003, 191-212.
- MILLER, J.. *As idéias de McLuhan*. São Paulo: Cultrix, 1982.
- MOSS, J.; MORRA, L. M. *At the Speed of Light There Is only Illumination: A reappraisal of Marshall McLuhan*. Ottawa: University of Ottawa Press, 2004.
- STAMPS, J.. *Unthinking Modernity: Innis, McLuhan, and the Frankfurt School*. Montreal: McGill-Queen's University Press, 1995.
- STRATE, Lance; WACHTEL, Edward (Eds.). *The Legacy of McLuhan*. Cresskill: Hampton Press, 2005. Pp. x, 373.